

Incomunicabilidade na *internet*

O especificamente comunicacional nas redes sociais de adolescentes goianos

ANA JÚLIA DE FREITAS CARRIJO

*Universidade Federal de Goiás
Goiânia, Goiás, Brasil*

LUIZ SIGNATES

*Universidade Federal de Goiás
Goiânia, Goiás, Brasil*

LARA LIMA SATLER

*Universidade Federal de Goiás
Goiânia, Goiás, Brasil*

ID 2538

Recebido em

16/07/2021

Aceito em

04/10/2021

Discutimos sobre a tensão entre comunicabilidade e incomunicabilidade na experiência de uso do *YouTube* e Instagram por adolescentes goianos. Trata-se de um trabalho com abordagem etnográfica, cuja análise foi desenvolvida sob uma perspectiva dialética e especificamente comunicacional. Constatamos que os usos feitos pelos entrevistados estão mais próximos à observação crítica das interações já publicadas por outros agentes que da participação direta nos circuitos. Isso se deve a uma percepção dos jovens de que os conteúdos que poderiam ser produzidos por eles não atenderiam às expectativas geradas pelos usuários das redes nas dinâmicas de uso.

Palavras-chave: Usos sociais. Internet. Adolescentes.

Incommunicability on the Internet: the Specifically Communicational in the Social Networks of Teenagers in Goiás

We discuss the tension between communicability and incommunicability in the experience of using YouTube and Instagram by adolescents from Goiás. It is a work with an ethnographic approach, whose analysis was developed from a dialectical perspective. We found that the uses made by the interviewees are closer to a critical observation of interactions already published by other agents than to direct participation in the circuits. This is due to a feeling that the content that could be produced by them would not meet the expectations generated by other users in the dynamics of use.

Keywords: Social uses. Internet. Teenagers.

Incomunicabilidad en Internet: lo específicamente comunicativo en las redes sociales de adolescentes de Goiás

Discutimos la tensión entre comunicabilidad e incomunicabilidad en la experiencia de uso de *YouTube* e Instagram por parte de adolescentes de Goiás. Es un trabajo con enfoque etnográfico, cuyo análisis se desarrolló desde una perspectiva dialéctica y específicamente comunicativa. Encontramos que los usos que hacen los entrevistados se acercan más a la observación crítica de interacciones ya publicadas por otros agentes que a la participación directa en los circuitos. Esto se debe a la percepción de los jóvenes de que los contenidos que podrían ser producidos por ellos no cumplirían con las expectativas generadas por los usuarios de las redes en la dinámica de uso.

Palabras clave: Usos sociales. Internet. Jóvenes.

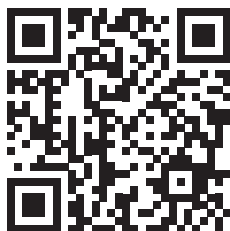
Ana Júlia de **FREITAS CARRIJO**

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: anajucarrijo@gmail.com

ORCID



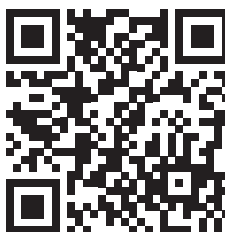
Luiz **SIGNATES**

Doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Professor associado IV da Universidade Federal de Goiás, junto ao mestrado/doutorado em Comunicação, na linha Mídia e Cidadania, e docente efetivo do mestrado/doutorado em Ciências da Religião, na linha Cultura e Sistemas Simbólicos, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

E-mail: ignates@gmail.com

ORCID



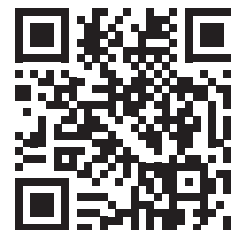
Lara Lima **SATLER**

Bolsista produtividade CNPq. Doutora em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-doutora em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais (PPGIPC) e Comunicação (PPGCOM), ambos na UFG, tendo publicado os livros Pesquisa em Arte, Audiovisual e Performances (2020) e Performances, Mídia e Cinema (2019). Coordena a REdArH – Rede Internacional de Pesquisa em Educação, Arte e Humanidades.

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

E-mail: satlerlara@gmail.com

ORCID



Introdução

Este trabalho dá prosseguimento a estudos em epistemologia que têm sido feitos nos últimos dez anos e cujas linhas básicas podem ser encontradas, entre outros textos, em Signates (2012; 2015; 2018; 2019). Neste artigo, investigamos os usos sociais que um grupo de doze adolescentes goianos, de 15 a 17 anos, fazem da internet. Embora compreendamos que as redes sociais têm sido estudadas por autores como Recuero (2014) e Primo (2012) sob a perspectiva dos Estudos Ciber culturais, esta pesquisa observa as práticas comunicativas digitais de um outro ponto. Partimos dos Estudos Culturais para fundamentar a observação dos usos das mídias de um modo mais próximo dos sujeitos, centralizando a experiência simbólica de significação. O desenvolvimento da pesquisa foi permeado por uma teia de dados que, articulada a partir de sua complexidade, estendeu-se a um olhar interessado nas mediações que tensionam os sentidos postos em circulação (MARTÍN-BARBERO, 2018). Uma das tensões advindas da observação empírica está vinculada aos modos pelos quais a participação dos adolescentes nos circuitos comunicacionais do *YouTube* e do *Instagram* efetivamente acontece – ou não.

A hipótese é a de que a internet dispõe modos de comunicação, os quais carregam dentro de si modos de comunicabilidade, isto é, circuitos interacionais que operam a partir do reconhecimento, do vínculo, do engajamento, e também modos de incomunicabilidade, ou seja, dinâmicas relacionadas ao silenciamento, à ausência, à indiferença, ao desconhecimento, à estranheza e à ruptura. Considerar essa tensão significa dizer que não basta descrever os usos feitos pelos adolescentes e analisar como acontecem as interações ou de que modo os vínculos são estabelecidos para gerar engajamento. É preciso tensionar o interacional àquilo que ele nega, àquilo que ele torna ausente.

Diante disso, assumimos uma visada dialética, cujo eixo de discussão gira em torno da seguinte questão: como as tensões entre comunicabilidade e incomunicabilidade se manifestam na prática do grupo entrevistado? E ainda: quais sentidos circulam e quais não? Em que medida as experimentações dos adolescentes entrevistados tensionam a processualidade da comunicação na internet? De que modo a observação empírica realizada pode contribuir para a expansão da produção teórica em comunicação acerca dos usos da internet? O exercício de refletir sobre esses questionamentos corrobora com o propósito de investigar o especificamente comunicacional na pesquisa que origina este texto e contribuir com as discussões epistemológicas do campo.

Rede conceitual e abstração teórica

Braga (2010a; 2010b; 2017) enxerga a comunicação a partir de uma perspectiva interacional e destaca seu caráter processual e tentativo. Isso quer dizer que, para ele, a comunicação acontece por meio do jogo entre alteridades, no qual, tentativamente, as pessoas criam fluxos de sentidos que circulam socialmente. Por este ângulo, os processos comunicacionais são marcados tanto pelo estabelecimento de vínculos entre pessoas quanto pela criação de circuitos em que o simbólico existe em movimento. São essas, respectivamente, as abordagens socioantropológica e linguística para a comunicação.

Em detrimento a uma ideia transmissionista da comunicação como passagem de informação do emissor para o receptor, a proposta de Braga (2010a) abre portas para heurísticas dispostas a refletir sobre a complexidade da experiência vivida em termos processuais. Ela coloca a comunicação no centro da sociedade, como um elemento fundador da linguagem e mantenedor do vínculo social. Nesse lugar, é constituída de tensões e trocas simbólicas próprias da cultura e opera a partir de uma ampla gama de possibilidades interacionais para criar, transformar, reproduzir e negar sentidos.

Por uma via afim, Jesús Martín-Barbero (1997; 2004) também considera a processualidade da comunicação e interessa-se pela atividade compartilhada de produção de sentido. Para refletir sobre isso, o autor desenvolve uma heurística interessada na rede de comunicação cotidiana, a partir das mediações que a articulam, isto é, das tensões que complexificam os circuitos comunicacionais. Segundo o autor, “Não existe a comunicação direta, imediata, toda comunicação exige o início do uso ou gozo imediato das coisas, todo comunicar exige alteridade e um mínimo de distancia. A comunicação é separação e ponte: mediação” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 25, tradução nossa).¹ Nessa perspectiva, mediações são os espaços entre os sujeitos e os meios de comunicação nos quais os sentidos são negociados, enfrentados, transformados, adaptados por meio da atividade social compartilhada de reconhecimento e estranheza, de afirmação e negação identitária.

É, portanto, no espaço das mediações que as tensões aparecem e, comunicacionalmente, são desenvolvidas. Lopes (2018, p. 51) entende as mediações como uma “perspectiva teórica compreensiva” para a qual não há uma definição única e que deve ser entendida como uma noção plural e constitutiva dos processos comunicacionais. Desse lugar, ou dessa base epistemológica, ganha destaque a ideia de circuito produtor de sentido, do qual participam diversas esferas da sociedade mediadas por aspectos históricos, políticos, econômicos, técnicos etc..

Destacamos, nesse cenário, especificamente as mediações comunicativas da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2018), que são aqueles operadores teórico-metodológicos cartografados pelo autor no segundo Mapa das Mediações, no qual há o reconhecimento da centralidade da comunicação nos processos produtores da cultura. Elas sucedem as mediações culturais da comunicação (MARTÍN-BARBERO, 1997; 2000) que marcaram uma ênfase da Teoria das Mediações voltada mais a aspectos culturais que a comunicativos – menos preocupada em destacar que a comunicação não é um instrumento da cultura, mas sua própria força constitutiva. Esta modificação é crucial para o entendimento do especificamente comunicacional na teorização barberiana porque contribui para o desenvolvimento de uma análise da realidade preocupada em reconhecer e tensionar o simbólico que circula socialmente, ou seja, baseada em fundamentos propriamente comunicacionais.

É o que indica Braga ao reforçar a centralidade da comunicação nos processos culturais contemporâneos, especialmente da mídia, que é seu campo privilegiado de observação acadêmica. Desde tal centralidade, emergem discussões chave para o campo relacionadas à midiatização. Esta noção indica que os modos de ser da mídia, seus usos, formatos e lógicas de produção têm se estabelecido como “mediação interacional de referência” (BRAGA, 2012, p. 51), isto é, têm mediado diversos processos sociais, orientando os modos de estabelecer vínculos e produzir sentidos de uma forma geral, para além dos circuitos em que a mídia está diretamente envolvida. Segundo o autor brasileiro,

[...] isso corrobora e desdobra a afirmação de Jesús Martín-Barbero [...] de ter passado de uma proposição sobre “mediações culturais da comunicação”, para uma ênfase nas “mediações comunicativas da cultura”. São os processos da midiatização que hoje delineiam e caracterizam, crescentemente, as mediações comunicativas da sociedade (BRAGA, 2012, p. 51).

A dinâmica da internet, como dissemos, aparece como um ambiente em que tais mediações referidas tanto por Braga quanto por Martín-Barbero materializam-se por meio dos fluxos ali presentes. Por meio da interação entre usuários da rede, o espaço simbólico permanece em movimento e, em certa medida, orienta os rumos das dinâmicas sociais. A capacidade técnica da web, aliada aos usos que têm sido historicamente feitos dela, indicam-na como um espaço de interação por excelência. Nessa perspectiva, Henry Jenkins (2009) disserta sobre a cultura da participação ou cultura participativa (*participatory culture*).

¹ No original: “No existe la comunicación directa, inmediata, toda comunicación exige el arrancarse al uso o goce inmediato de las cosas, todo comunicar exige alteridad y un mínimo de distancia. La comunicación es separación y puente: mediación”.

Na web, mecanismos próprios da cultura da participação são desenvolvidos, por exemplo, no oferecimento de poucas barreiras para o engajamento e no estímulo ao compartilhamento das criações com outros usuários (JENKINS, 2006). O *YouTube* e o *Instagram*, por exemplo, sustentam e publicizam esse discurso nas suas descrições. Segundo o próprio *YouTube*, a missão da empresa, que surgiu em 2005, “é dar a todos uma voz e revelar o mundo”, já que acredita “que as pessoas devem ser capazes de se expressar livremente, compartilhar opiniões, promover o diálogo aberto, e que a liberdade criativa propicia o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades”. Segundo o *Instagram*, fundado em 2010, a missão da plataforma é “aproximar você das pessoas e coisas que você ama”. Nesses ambientes, a participação pode acontecer tanto com a introdução de novos conteúdos no circuito quanto com a interação com os conteúdos em circulação e também com outros usuários. Quanto mais gente estiver participando, mais atrativos se tornam os circuitos.

A partir desse breve panorama sobre a teorização dos autores, torna-se perceptível no pensamento de Jenkins, assim como nos de Braga e Martín-Barbero, a potencialidade da noção de comunicação enquanto interação e criação de vínculos, conformando um circuito de produção de sentidos. Por esta via, há circuitos interacionais em que os sentidos produzidos coletivamente circulam e se tornam progressivamente mais dinâmicos e complexos com a participação dos agentes. Os três autores investigam, então, de que modo acontece o engajamento das pessoas nos episódios interacionais e como vínculos e sentidos são criados, sempre em articulação com o cenário cultural que medeia o processo.

Às processualidades em estudo, esta pesquisa trabalha a perspectiva de buscar pelas tensões comunicacionais envolvidas, isto é, identificar o objeto como um gradiente entre comunicabilidades e incomunicabilidades. A questão da incomunicabilidade não é nova nos estudos de comunicação. Ela se encontra na raiz da polêmica sobre a possibilidade da comunicação, isto é, da polaridade entre a Escola de Palo Alto (WATZLAWICK; BEAVIN; JACKSON, 2007), para a qual é impossível não se comunicar, e as teorias contemporâneas de sistema (LUHMANN, 2016), segundo as quais comunicar é impossível em razão do fechamento sistêmico, de modo que sistemas sociais e psíquicos não se comuniquem, mas apenas se irrite. Ambas estas linhas teóricas encaminham percepções de tipo ontológico, em cujo âmbito o que termina em discussão é o significado do conceito de comunicação e sua consequente atribuição ao ser. Nesse sentido, a comunicação pode ser vista como um tipo de comportamento geral ou como uma possibilidade inviabilizada pelo solipsismo da autorreferencialidade sistêmica.

Assim, a ideia de comunicabilidade também assume, para diferentes autores, traços éticos, seja quando vista como impossibilidade – como na filosofia da alteridade de Lévinas (1974), para qual o Outro é por definição aquilo que escapa, o incognoscível –, seja quando vista como possibilidade rara – como em Ciro Marcondes Filho (2004a), também inspirado na noção levinasiana de alteridade, enriquecida pelo toque heideggeriano da abertura do ser. Nestes termos, a incomunicabilidade pode ser restituída como autenticidade do Outro, sempre ausente no conhecimento, ou como vínculo autêntico, porém raro.

Os estudos semióticos e de linguagem também tocaram na temática da incomunicação. Primeiro, a partir da noção de silêncio – com a admissão pragmática, presente em Wittgenstein, de que sem silêncio não há sentido. Nessa linha, De Bear (1984) teoriza afirmando que o dizer jamais esgota a significação, e que a dinâmica do silêncio igualmente expressa. Entretanto, se o silêncio constitui sentido, o silenciamento representa um ato político de violência simbólica, e então penetramos a dimensão da dualidade comunicação/incomunicação trabalhada por Norval Baitello Júnior (2005). Na mesma publicação, Peñuela Cañizal (2005, p. 20) revela o que chamou de “ambivalência do silêncio” – isto é, ao mesmo tempo que faz parte da mensagem, constitui domínio da ocultação e, nesse sentido, readquire um sentido ético negativo, como enumerou lasbeck (2005, p. 35):

[...] rupturas que azedam as relações e inviabilizam a interatividade humana. É um fenômeno ligado, certamente, à exaustão, ao stress, à indiferença, à redundância e à apatia em relação às diferenças, à alteridade, aos conflitos e impossibilidades de todas as espécies que ameaçam a compreensão e o entendimento.

A visada deste trabalho, contudo, possui diferenças em relação a estas abordagens, que não têm como ser detalhadas aqui. Busca-se, nesta pesquisa, escapar de uma visão ontológica da comunicação e também, ante a dualidade comunicação/incomunicação entrevista em Baitello Júnior, superar uma visada exclusivamente negativa da incomunicabilidade. Trata-se, neste caso, de uma tensão, que se revela empiricamente e só se resolve para se reproduzir, entre comunicabilidades e incomunicabilidades, sem que uma ou outra sejam positivas ou não, de um ponto de vista técnico, ético ou político. Comunicação, neste caso, não é um ser, e sim um estar, e assim, como processualidade em trânsito, configura-se sempre tensionada por possibilidades e limites.

Em nossa pesquisa, também dedicamos atenção às dinâmicas interacionais nos usos feitos pelos entrevistados. Porém, a observação empírica que realizamos revelou que a participação dos adolescentes no *YouTube* e no Instagram acontece em diferentes níveis e de diferentes formas, em uma experiência mais complexa que aquela ensaiada pelos referidos autores. Para além das ideias de liberdade de participação, mais evidentes na teorização de Jenkins (2006; 2009), nosso campo de pesquisa trouxe à tona nuances do cotidiano que complexificam a prática de participação nos circuitos acessados pelos adolescentes, revelando outras facetas dos circuitos comunicacionais na internet, sobre as quais refletiremos a seguir.

Apontamentos metodológicos

Nosso trabalho, fundamentalmente qualitativo, teve abordagem etnográfica e foi produzido com um grupo de doze adolescentes de 15 a 17 anos, estudantes de ensino médio em um colégio estadual de Aparecida de Goiânia, Goiás. O objetivo geral da pesquisa foi mapear quais são os principais usos feitos pelos participantes, especialmente nas plataformas *YouTube* e Instagram, e articular suas práticas cotidianas ao cenário cultural contemporâneo. Este exercício tem sido desenvolvido a partir do pressuposto de que as práticas comunicacionais ambientadas na internet fazem parte de um circuito importante de produção social de sentido que orienta os sujeitos nos modos de ser socialmente, estabelecer valores e perceber o mundo. Trabalhamos em campo a partir do método cartográfico (BARROS; KASTRUP, 2015), com aproximações etnográficas durante o segundo semestre letivo do ano de 2019, utilizando como técnicas de produção de dados observação participante (FLICK, 2009), discussão em grupo (GASKELL, 2003) e entrevista individual em profundidade (FABRA; DOMÈNECH, 2001).

Os procedimentos metodológicos adotados em campo foram primordiais para a produção dos dados aqui analisados, de forma que a singularidade da experiência vivenciada com o grupo deve-se ao processo construído com os participantes. Assim, o percurso empírico foi desenvolvido em diálogo com as expectativas e demandas no grupo, seguindo uma postura etnográfica de ouvir o que os participantes tinham a dizer sobre suas próprias práticas. Os encontros foram semanais e todos realizados na escola colaboradora, sendo que as dinâmicas de grupo foram conduzidas em uma sala de aula do colégio, e as atividades individuais foram realizadas em um banco no corredor em frente ao pátio. Todas as atividades foram gravadas em áudio e transcritas para análise. O exercício contínuo de percepção das discussões conduziu a um planejamento maleável, que foi se ajustando durante a experiência empírica.

O recrutamento dos participantes foi mediado pela escola, que sugeriu que incluíssemos uma turma, em cujo âmbito faríamos as dinâmicas previstas, na lista de disciplinas eletivas. Criamos então uma disciplina sobre comunicação e cultura digital, chamada de “Compartilhar-se: ser e ver nas redes sociais”. Os alunos de toda a escola foram convidados por meio do que a instituição chama de “cardápio das eletivas”, um documento com as ementas propostas pelos professores, a partir do qual os próprios alunos escolhem, entre todas as disciplinas ofertadas, de quais querem participar. Assim, o critério de seleção para a participação foi o vínculo com a escola e o interesse em participar da disciplina que tinha a temática da pesquisa.

Os colaboradores eram estudantes do segundo ano do ensino médio – exceto uma jovem que estava no terceiro, e outra, no primeiro. Dos doze adolescentes, sete se identificam com o gênero feminino, e cinco com o masculino. Todos moram com familiares, dez são solteiros e dois disseram estar namorando. Quanto à raça e cor, oito se declararam brancos, dois pretos, um pardo e um amarelo (asiático). Todos frequentam a escola em tempo integral, logo, passam manhãs e tardes no colégio de segunda a sexta; a maioria precisa auxiliar nas tarefas domésticas, e nenhum deles relatou a necessidade de contribuir financeiramente com a família. Nove entrevistados indicaram ter renda familiar de um a três salários mínimos, dois de três a seis salários mínimos, e um de seis a nove salários mínimos.

Estes sujeitos estavam disponíveis e interessados em contribuir com a pesquisa ao longo do semestre, especialmente porque a temática das conversas girava em torno dos conteúdos, formatos e plataformas que eles costumavam consumir. Então, os resultados alcançados emergiram de um contexto de engajamento do grupo com o tema e de desejo por compartilhar reflexões que atravessavam seus cotidianos. Além disso, o recorte geracional proposto reflete uma trajetória de pesquisa dos autores dedicada à adolescência que reconhece as complexidades envolvidas nessa fase da vida. Frisamos que ser jovem ou adolescente não é uma categoria fixa, determinada pela idade, mas se trata de um momento da existência cuja organização está vinculada a diversos fatores contextuais (JACKS; SCHMITZ, 2017), tais como a necessidade ou não de gerar renda, a obrigação ou não com serviços domésticos e cuidados com familiares, a possibilidade ou a impossibilidade de dedicar-se à formação escolar, o acesso ou não a momentos de lazer etc..

Na realidade de nossos entrevistados, todos estudantes de ensino médio e a grande maioria de classe baixa, há espaço para experimentações e descobertas, mas sempre no marco de um período exaustivo de estudos e de um orçamento limitado. Identificamos que a maioria estava pensando no futuro, projetando graduar-se e iniciar carreiras profissionais em diferentes áreas. Além disso, muitos mencionaram os primeiros relacionamentos amorosos e alguns compartilharam experiências de reconhecimento da orientação sexual. Essas dimensões subjetivas e sociais são consideradas pela pesquisa e reforçam a complexidade envolvida nos processos de participação na web, afinal, mostrar-se nesse contexto demanda um exercício de atribuição de sentidos a si e ao mundo permeado por um misto de inseguranças e aspirações. Como veremos, as mediações de idade e outros marcadores sociais, como o papel de estudantes, contribuíram para a acentuação de um senso autocrítico. Esta perspectiva é fundamentada no trabalho de Boyd (2014), por exemplo, que propõe a observação desses sujeitos de forma mais integral e contextualizada, centralizando seus modos de ver em uma vida social conectada.

É importante destacar, ainda, que os dados produzidos a partir da abordagem etnográfica não têm pretensão de generalização estatística. Ao contrário, a análise aqui é profundamente qualitativa, e sua contribuição para o campo está em reconhecer “perspectivas e valores disponíveis socialmente” (FABRA; DOMÈNECH, 2001, p. 40) que compõem o escopo social de produção de sentido. O propósito desta investigação foi, sobretudo, perscrutar o objeto de estudo – qual seja, os usos sociais da internet na experiência dos entrevistados, no intuito de trazer à tona suas especificidades, mesmo que elas manifestem contradições. É esta, afinal, a potência da pesquisa empírica de caráter etnográfico em comunicação.

A participação na prática

No decorrer da pesquisa de campo e das análises dos dados produzidos, percebemos uma complexidade nas práticas cotidianas de acesso à internet. De partida, constatamos que as motivações de cada um para participar dos circuitos da web são diversas: entretenimento, estudos, informação, trabalho. Além disso, observamos que o engajamento com os sistemas de sentido postos em circulação também varia de acordo com noções de autenticidade, performance, privacidade, interesse e validação social. Por vezes,

houve discussões entre o grupo para negociar percepções acerca dos usos que são feitos e observados, durante as quais registramos contradições importantes nas falas dos adolescentes – por exemplo, a crítica severa ao compartilhamento da intimidade, mencionada como prática exibicionista que relativiza a importância da privacidade, combinada ao interesse em conhecer o cotidiano particular de *youtubers* e *instagrammers* famosos.

Mapeamos que todos os entrevistados usam com frequência ao menos uma das plataformas recortadas. Para tanto, eles possuem uma conta (um perfil on-line) que lhes permite participar dos circuitos da rede. Isto pode ser feito, por exemplo, acessando publicações de outras pessoas, utilizando recursos interativos (como os botões de curtir, seguir, inscrever, comentar, compartilhar) e também produzindo suas próprias postagens. Houve um forte interesse do grupo por inteirar-se de tais circuitos, mostrando-se conhecedor das dinâmicas das plataformas, hábil para utilizar seus recursos e interessado na linguagem e nos conteúdos que circulam.

Verificamos, ainda, um reconhecimento mútuo entre os membros do grupo em diversas vezes nas quais eles se referiram a canais do *YouTube* e perfis no Instagram acessados pela maioria, identificando referências compartilhadas entre os adolescentes, quase sempre em forma de memes – conteúdos que se espalham na internet, geralmente associados ao humor. A maioria, então, pareceu estar envolvida nos circuitos on-line e desempenhar usos curiosos pelas estratégias de linguagem e performance de produtores mais famosos, pelos mecanismos de monetização e recomendação de perfis e vídeos, pelos modos de uso mais recorrentes, que estabelecem padrões, e ainda pelos usos diversos, que criam diferentes sentidos na interação.

Este breve panorama esboça alguns exercícios de experimentação da linguagem própria desses ambientes, os quais trazem à tona o engajamento dos entrevistados com os sentidos que circulam na internet. Contudo, o outro lado dessa dinâmica interacional também se manifestou. Ficou evidente que os jovens realizam um uso observador e atento em relação ao que as outras pessoas fazem, o que os mantém em uma posição de análise ordinariamente crítica e acarreta, como apresentaremos, restrições para o engajamento efetivo nesses circuitos. Eles mesmos disseram que não se sentem à vontade para participar diretamente, isto é, para colocar na web a sua fala, seja em forma de interação com outros usuários, seja em forma de publicação própria, e acabam somente acessando os conteúdos publicados e observando as interações de outros usuários.

Constatamos, ainda, que publicar conteúdos em seus perfis e comentar nas publicações feitas por outros usuários são ações complexas na prática cotidiana dos participantes da pesquisa. A maioria dos entrevistados relatou que faz um uso do *YouTube* e do Instagram mais concentrado no acesso a conteúdos já publicados que na interação propriamente dita. Este dado é curioso porque tensiona a lógica da cultura da participação: mesmo com uma ampla possibilidade de interagir, é comum que os adolescentes entrevistados não o façam. Isto acontece em, pelo menos, duas esferas: no compartilhamento (ou não) do cotidiano e da opinião.

(Não) compartilhar o cotidiano

O uso social do *YouTube* e do Instagram destinado a falar de si mesmo, compartilhando a rotina e acontecimentos do cotidiano faz parte dos circuitos que os adolescentes entrevistados acessam. A maioria apresentou uma visão crítica a esse tipo de prática, vinculando-a ao exibicionismo e, até mesmo, ao falseamento da realidade, em uma espécie de performance de mostrar-se sendo o que não é (SCHECHNER, 2002). A despeito de tal posicionamento, percebemos, ao longo do processo etnográfico, que os entrevistados se engajavam na circulação de sentidos próprios do “compartilhar-se”. Todos disseram que conhecem pessoas (próximas ou não) que compartilham o dia a dia na internet e que isso é uma prática muito comum nos

circuitos por eles acessados. Eles citaram exemplos do que acontece mais comumente e reproduziram, criticamente, a linguagem e os trejeitos que se repetem nessas produções.

Contudo, quando questionamos se eles participavam desses circuitos compartilhando suas rotinas, outras questões vieram à tona. Eles revelaram que várias vezes sentem vontade de postar algo sobre eles mesmos, mas acabam não o fazendo porque o conteúdo que poderiam produzir a partir dos acontecimentos do dia a dia não teria, segundo eles, relevância no circuito. É o que sinaliza, a seguir, o compilado de relatos dos adolescentes sobre o tema.

Acho que é porque minha vida não tem aquela coisa assim, nossa, interessante... não é um conteúdo interessante. Eu levanto, venho pro colégio, passo o dia inteiro no colégio, vou embora... é uma rotina incessante, então eu acho que não tem graça. (I., feminino, 16 anos).

Minha rotina é... que se eu for mostrar a hora que eu acordo é 5 horas, aí mostra me arrumando, aí eu tomando café, vindo pro colégio, depois indo para casa, me arrumando para dormir ou pra comer, não sei..., qualquer coisa, e depois dormir. É isso. Não é tão necessário (C., feminino, 15 anos).

Sinto vontade de postar quando eu tô triste, mas eu não posto. Acho muito irrelevante né, tem tanta gente triste por aí... eu não vou ser tão... importante (J., masculino, 17 anos).

Eu já senti [vontade de postar]. Aí eu pensei novamente... não vai valer a pena, não tem utilidade... As pessoas só vão ver e ignorar. Pouquíssimas pessoas vão falar comigo, senão nenhuma. Aí eu acabo não postando (A., masculino, 16 anos).

Sim [já senti vontade de postar], mas às vezes eu fico assim “é necessário isso?”. “ai, acho que não...”. Sabe? Porque eu me coloco no lugar de quem tá vendo aí a pessoa olha e fala assim: “qual é a necessidade disso? Ah, eu vou querer saber?”. Então... às vezes eu... dá vontade e eu fico assim, não é necessário... (L., feminino, 16 anos).

A noção de que compartilhar o próprio cotidiano “não tem utilidade”, porque “as pessoas só vão ver e ignorar”, já que “não sou tão importante assim” e “minha vida é muito insignificante” revela um tom de menosprezo pela própria vida que foi recorrente no campo. Ele expressa uma faceta curiosa do uso social da internet que estamos analisando, especialmente quando tensionada ao discurso institucional das plataformas, principalmente do Instagram, que estimula seus usuários a compartilharem conteúdos pessoais. Afinal, em detrimento desse discurso geral, do suporte técnico oferecido pela rede e da lógica operacional da cultura da participação (JENKINS, 2009), as significações atribuídas no uso ao compartilhar-se passam a se configurar como obstáculos ou impedimentos para a concretização da ação interativa de usuários comuns.

A questão tornou-se ainda mais densa quando eles disseram que o modo mais comum de se compartilhar revela uma fachada, nos termos de Goffman (2018), de quem quer se mostrar fazendo e sendo uma persona específica, construída a partir de um padrão excludente que entrava a concretização de postagens por pessoas comuns, como nossos entrevistados. Segundo eles, o padrão mais recorrente é sustentado por ajustes performáticos feitos para transmitir a impressão de que o sujeito tem um corpo magro e musculoso, é extrovertido e leva uma vida alegre, repleta de situações divertidas e possui poder aquisitivo suficiente para ostentar acessórios, viagens e passeios. As falas demonstraram que a construção das imagens que orbitam nesse padrão acontece por meio de um processo de seleção de conteúdos, edição de imagem, recortes de situações vividas e mesmo encenações de momentos diferentes da realidade.

Reconhecer os padrões de beleza, comportamento e renda é uma destreza advinda do uso, sinalizada por Martín-Barbero (2004) como competência de recepção. Trata-se de um saber sobre os formatos e as lógicas de produção hegemônicas no circuito comunicacional que poderia incentivar o engajamento dos usuários, como nos levam a crer as discussões teóricas sobre interação e participação na internet. Po-

rém, no recorte desta pesquisa, o conhecimento da técnica, a habilidade em lidar com as ferramentas e a familiaridade com os códigos compartilhados no circuito, em vez de impulsionar o envolvimento, podem desencorajar a participação.

Henry Jenkins faz uma ressalva sobre a necessidade de interferência direta no circuito, dizendo que “nem todos os membros devem contribuir, mas todos devem acreditar que são livres para contribuir quando estiverem prontos, e que o que contribuir será devidamente valorizado” (JENKINS, 2006, p. 7, tradução nossa).² Contudo, o que se vê nas falas dos próprios adolescentes é que eles não se sentem seguros para compartilhar esse tipo de conteúdo justamente porque percebem que suas contribuições não serão devidamente valorizadas. Neste sentido, a indiferença das possíveis audiências é um fator comunicacional relevante, porque acaba modificando as interações comunicacionais, alterando a dinâmica tentativa da comunicação. Notamos, então, uma tensão entre os compartilhamentos que são buscados – aqueles integrados aos padrões referidos – e os compartilhamentos que são recusados, aqueles cujos sentidos são impedidos de circular.

(Não) compartilhar a opinião

Para aumentar ainda mais a densidade da tensão identificada, acrescentamos uma outra camada reconhecida na prática dos adolescentes, que também põe em cheque o engajamento efetivo nos circuitos. Trata-se da decisão por compartilhar ou não a opinião, no âmbito da interação com conteúdos publicados por outros usuários, como forma de participar tornando públicas as impressões acerca do que foi acessado. Isto pode acontecer a partir dos diversos recursos interativos oferecidos pelas plataformas, tais como curtir (*like*), não gostar (*dislike*), comentar, compartilhar, seguir/inscrever, salvar e denunciar. Todos eles configuram uma estrutura disponibilizada pelas plataformas, chamada de arquitetura de interação (KISCHINHEVSKY, 2016), que organiza a interface de cada plataforma, oferecendo visualidades específicas para cada formato e, ainda, para cada recurso interativo.

De forma geral, as opções que demandam apenas um clique ou toque na tela (curtir/*like*, não gostar/*dislike*, compartilhar, seguir/inscrever, salvar e denunciar) para manifestar uma impressão tendem a ser mais utilizadas por eles, enquanto a que exige formulação escrita (comentário) propende ao não uso. Isto se deve ao fato de que as primeiras são ações mais rápidas e simples, demandam menor envolvimento, menos exposição e uma menor necessidade de organização e formulação de ideias. Neste artigo, voltamos a atenção para o recurso comentar, porque foi a partir de suas dinâmicas que percebemos de forma mais nítida a complexidade da participação.

A opção comentar aparece tanto no *YouTube* quanto no Instagram, logo abaixo da publicação principal, com espaços em branco para que o usuário torne pública, com suas palavras, sua impressão sobre o conteúdo acessado. É possível interagir com as ações feitas por esse recurso por meio das ferramentas “curtir comentário” e “comentar comentário”. Houve diversas ressalvas que costumam desencorajar os entrevistados a fazer comentários nos circuitos de que participam. Uma delas foi o desinteresse pelo que costuma ser publicado pelos demais usuários nesse recurso, principalmente no *YouTube*. Eles disseram que:

O povo do *YouTube* é muito chato (X., feminino, 17 anos).

Tipo, o povo fica comentando “estive aqui em 2019, estarei aqui em 2020 e 2021” (H., masculino, 17 anos).

É só um povo lá que fica pedindo *like*... É muito chato! (U., feminino, 17 anos).

² No original: “Not every member must contribute, but all must believe they are free to contribute when ready and that what they contribute will be appropriately valued”.

Além do desinteresse, destacou-se uma percepção compartilhada pelo grupo que também interfere no engajamento com o comentar, segundo a qual a ação interativa individual torna-se insignificante diante da imensa quantidade de interações já deixadas nos vídeos. Nas palavras deles: “Sou só mais um entre milhões, meu comentário vai ser um no meio de mais de mil comentários. Não vai fazer muita diferença eu comentar. Ninguém vai ligar pro meu comentário” (A., masculino, 16 anos).

Essa sensação de prescindibilidade da interação indicou que não há necessidade de registrar a própria opinião porque algo muito parecido já foi comentado: “A questão é que às vezes não vale a pena você comentar. Você vai lá, você vai ver os comentários. Tem 1000 comentários ‘nossa, que vídeo legal’. Não necessita de você chegar lá e [colocar] ‘nossa, que vídeo legal’” (B., feminino, 17 anos).

Neste caso, há um excesso de interação, que torna o circuito saturado de informações e desencoraja a realização de novas interferências. Houve, ainda, um outro argumento que reforça a ideia de que o comentário seja algo desnecessário, que se refere às ocasiões em que ele serviria para discordar de algo dito na publicação principal. É o que a seguinte fala manifesta: “Se a pessoa tá no *YouTube* falando uma coisa errada, a chance da sua opinião, que às vezes tá certa em consideração, é tão pequena que, assim, muitas vezes não compensa. Você só ‘tá, deixa’” (B., feminino, 17).

Segundo os adolescentes, mesmo que o comentário contenha uma correção acertada, é pouco provável que ela seja considerada. Então, eles acabam nem comentando. Isso se deve, uma vez mais, à quantidade exacerbada de interações contidas ali, que acabam por subtrair e desconsiderar comentários. Mas deve-se também à percepção de que se cria um ambiente hostil quando surge uma ideia diferente. Ou seja, os adolescentes reconheceram, por meio do uso, a existência de uma dinâmica agressiva e imprópria para o debate no espaço dos comentários. O conhecimento dessa lógica de interação desencoraja a participação via comentários, já que não há o desejo de envolvimento em discussões tipicamente agressivas.

Neste sentido, predominou um consenso do grupo segundo o qual os debates firmados nos comentários não são equilibrados. Eles disseram com veemência que é muito comum observar interações acaloradas nesse espaço. Segundo os relatos, é frequente que comentários recebam interações em novos comentários, especialmente no *YouTube*, por meio do recurso “comentar comentário”. Acontecem, nesses episódios, ataques, quase sempre em tom agressivo e que são rebatidos com mais hostilidade ainda. O ambiente de agressividade interfere no engajamento, acionando nexos simbólicos que geram medo e insegurança em nossos entrevistados.

A incomunicabilidade nos usos da internet

As tensões identificadas a partir da visada dialética que lançamos sobre a comunicação revelam que, mesmo com o estabelecimento de um discurso técnico e cultural de criação de circuitos com forte potencial de comunicabilidade, dinâmicas de incomunicabilidade acontecem na realidade vivida. Do mesmo modo que a comunicabilidade é uma possibilidade comunicacional, a incomunicabilidade é outra possibilidade comunicacional que pode, inclusive, revelar peculiaridades dos circuitos de sentido que não apareceriam sem lançar tal visada dialética. Então, manter as tensões à vista possibilita enxergar o simbólico em movimento e acessar as diversas camadas que o constituem, em um exercício especificamente comunicacional. Assumindo esta postura, passamos a pensar os discursos que circulam na perspectiva de narrativas, isto é, como indicadores da processualidade da comunicação, cujo desenrolar envolve tramas formadas por vários elementos e aspectos. Desse lugar, podemos questionar: o que conta a narrativa em voga e o que ela esconde?

No âmbito da participação via postagens sobre o próprio cotidiano, circulam símbolos de autoafirmação enquanto pessoas com alto poder aquisitivo, que atendem a um padrão estético do corpo forte e esbelto, mantêm uma personalidade extrovertida e bem-humorada e compartilham novidades diariamen-

te. Trata-se de uma apresentação da vida enquanto positividade, sucesso e satisfação. O que não circula, de acordo com a experiência dos adolescentes entrevistados, são os sentidos próprios de um cotidiano comum, de pessoas que estudam em um colégio de ensino em tempo integral de segunda a sexta, precisam auxiliar nos serviços domésticos e nos cuidados com familiares. São jovens que afirmam levar uma rotina monótona e enfadonha, cujos momentos de lazer são raros e dominados pelo cansaço. Nesse âmbito, a percepção do grupo é a de que seu dia a dia se configura como uma banalidade desinteressante aos olhos dos outros e, portanto, não é digno de ser compartilhado.

Quando um usuário não coloca em sua comunicação um determinado conteúdo sob o argumento de que ele pode gerar desinteresse, este usuário está no centro da tensão comunicabilidade/incomunicabilidade. A incomunicabilidade do outro, nesse caso, é uma complexidade acrescentada ao processo comunicacional, tendo em vista que há uma preocupação em atender uma espécie de audiência que não se quer perder. A indiferença das audiências é um fator comunicacional relevante, nesses casos, porque ela acaba, enquanto ameaça, modificando o processo comunicacional e alterando a participação no circuito. A preocupação com o olhar do outro aparece como um dos pilares definidores da cultura da participação, quando Jenkins afirma que ela é um espaço “no qual membros sentem algum grau de conexão social uns com os outros (pelo menos eles se importam com o que as outras pessoas pensam sobre o que eles criaram)” (JENKINS, 2006, p. 7, tradução nossa).³ Daí a característica de rede e de criação de comunidades entre usuários mantenedoras de códigos próprios, que se estabelecem no uso, tentativamente (BRAGA, 2010b). Nessa cultura, as percepções e possíveis interações do outro orientam o fazer comunicacional.

Esse aspecto de destaque ao olhar do outro também é chave nas teorizações do sociólogo Erving Goffman (2018, p. 34, grifos nossos), que entende a representação de si como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua *diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência*”. A importância desse valor relacional varia de acordo com o controle que o ator social deseja ter em relação às impressões geradas: quanto mais controle for desejado, maior deverá ser a atenção à perspectiva de quem assiste. Segundo as falas mapeadas em campo, o desejo por controle sobre o que os outros vão pensar acerca dos cotidianos que eles poderiam publicar é definidor do próprio ato de (não) compartilhar-se.

Na perspectiva revelada por nossos entrevistados, o olhar indiferente e desinteressado dos outros usuários das redes tolhe a possibilidade de que eles compartilhem seus próprios cotidianos. Isto porque, na visão deles, suas rotinas não atendem ao padrão estabelecido como relevante ou minimamente interessante pelo próprio circuito. Como eles não querem performatizar uma vida que não é a deles (como muitos outros usuários fazem, conforme apontaram), tornam-se ausentes do circuito nesse nível de participação direta. Assim, o domínio das técnicas, os conhecimentos sobre os códigos estabelecidos e a compreensão das dinâmicas dos circuitos, saberes próprios de uma tecnicidade desenvolvida no uso (MARTÍN-BARBERO, 2004), não são suficientes para garantir a interação. Em verdade, conhecer o funcionamento do circuito aparece não como estímulo, mas como complexificação do processo participativo. O compartilhar-se, em vez de gerar reconhecimento, vínculo e engajamento, gera ausência e indiferença.

No tocante à adesão ou não aos circuitos de compartilhamento de opinião via comentários, também está em jogo a relevância do que poderia ser publicado por nossos entrevistados. Porém, as especificidades que medeiam o (não) engajamento são outras. Nesses casos, a incomunicabilidade está tensionada com o excesso de interações e com a consolidação do espaço dos comentários como um ambiente hostil, como apresentamos na seção anterior. Na primeira situação, a percepção dos jovens indica que, quando há muitos comentários, há um excesso de informação. Ou seja, a noção de incomunicabilidade é vista no excesso da própria comunicabilidade.

³ No original: “where members feel some degree of social connection with one another (at the least they care what other people think about what they have created)”.

Os recursos e os estímulos das plataformas, sustentados pela lógica da cultura da participação, incentivando a interação e o envolvimento com os circuitos comunicacionais, pode gerar um expressivo número de ações diretas que sobrecarregam o espaço interativo. Assim, as interações existentes passam a interferir na possibilidade de surgimento de novas interações em contextos nos quais a opinião a ser compartilhada já está amplamente posta. Nestes casos, a postura adotada por nossos entrevistados é a de somente ler os comentários (o que nem sempre acontece) e não comentar, ou seja, ausentar-se da circulação simbólica.

Também na linha da ausência está a situação em que o medo de publicar um comentário e sofrer ataques de outros usuários impede os jovens de colocar sua comunicação em movimento. Há um silenciamento advindo da percepção do grupo de que o anonimato, a possibilidade de se passar por qualquer pessoa e a sensação de liberdade oferecida pelas plataformas têm levado outros usuários (eles se excluem desse tipo de ação) a agirem de forma intempestiva e agressiva. Tais ações são respondidas com mais ataques e cria-se um ciclo de violência. Os entrevistados chamaram os discursos que circulam nesse ambiente de discursos de ódio, aqueles em que não há busca por consenso e não se preza pela moderação e pelo respeito.

É preciso, porém, entender que as tensões trazidas à tona pelas facetas de incomunicabilidade encontradas em campo não estão relacionadas à má comunicação, mas ao silenciamento, à ausência, à indiferença – ao outro lado da comunicação. É a impossibilidade de vínculo, é o desaparecimento de conteúdos na circulação simbólica. Quando falamos em má ou boa comunicação, incorremos no risco de ontologizá-la e perder de vista sua processualidade, tão cara à abordagem que desenvolvemos aqui. As tensões entre comunicabilidade e incomunicabilidade, neste sentido, não têm a ver com dimensões de concordância ou discordância, acordo ou polêmica, certo ou errado, semelhança ou diferença. Como alerta Braga (2017, p. 79), “‘compartilhamento’ é diferente de consenso ou acordo. O compartilhamento pode ser conflituoso”, pode haver debate e enfrentamento na produção de sentido em um nível interacional. Mesmo quando não se forma um consenso, como no caso dos debates odiosos desenvolvidos nos comentários, conforme relatado, se há interação, se há ação de vínculo, se os sentidos são produzidos há comunicação.

Contrariando a abordagem consensualista – desenvolvida por Habermas (2012), segundo a qual uma ação só é comunicativa quando visa ao consenso entre os envolvidos e respeita uma série de premissas que garantiriam tal possibilidade – e contrariando também a abordagem diferencialista da alteridade – defendida por Marcondes Filho (2004b), segundo a qual para haver comunicação é preciso que haja um acontecimento transformador de acolhimento do outro e transformação de si a partir do jogo de alteridades –, má comunicação é comunicação (BRAGA, 2017). Ou seja, as interações travadas nos comentários por outros usuários, observadas por nossos entrevistados, são comunicacionais e manifestam a comunicabilidade do circuito, isto é, sua possibilidade interacional. Concordar e discordar são ações comunicacionais.

Quando, porém, há silenciamentos, como a decisão de não compartilhar a opinião nos comentários, fundada na insegurança provida pelo próprio circuito, alguns sentidos são impedidos de circular, e alguns vínculos não podem acontecer ou deixam de existir. Logo, há uma tensão com a incomunicabilidade dos circuitos dispostos na internet. Se Jenkins (2006, p. 7, tradução nossa) sinaliza em seus ensaios que a comunidade formada por usuários das redes “fornece fortes incentivos para a expressão criativa e a participação ativa”,⁴ a realidade vivida apresenta-se de forma mais complexa e revela que a experiência social traz à tona aspectos indicadores do lado da incomunicabilidade das tentativas comunicacionais digitais.

⁴ No original: “provides strong incentives for creative expression and active participation”.

Considerações finais

O desenvolvimento deste texto foi conduzido por um olhar interessado pelas mediações (MARTÍN-BARBERO, 2018), que aqui significaram os tensionamentos na produção de sentidos. Afinal, foi uma das tensões advindas da observação empírica que nos motivou a elaborar esta análise. Dessa forma, as mediações que o campo nos trouxe – vinculadas aos modos pelos quais a participação dos adolescentes nos circuitos comunicacionais do *YouTube* e do Instagram efetivamente acontece ou não – permitiram-nos pensá-las a partir dos tensionamentos envolvendo especificamente a interação ou não interação nos circuitos acessados pelos colaboradores da pesquisa. Por isso, compreendemos as mediações, neste estudo, como tensões comunicacionais que auxiliam a enxergar a pluralidade dos processos de produção social de sentidos envolvidos nos usos das plataformas digitais.

Assumir que a internet dispõe de modos de comunicação, os quais carregam dentro de si não só modos de comunicabilidade, mas também de incomunicabilidade, é uma visada que se mostrou profícua na análise dos dados empíricos. Esse exercício dialético pôs em evidência a processualidade da comunicação, tensionando os limites da experiência social prática de uso da internet. Tanto no âmbito do simbólico que não circula quanto no dos vínculos que são rompidos, os dados analisados sinalizam dimensões outras da interação que nem sempre aparecem nos ensaios teóricos, mas que se manifestam em pesquisas que se propõem a desenvolver uma heurística com e a partir de um grupo, sem desconsiderar as curvas do processo.

Quando articulamos as restrições dos adolescentes em participar diretamente no *YouTube* e no Instagram a outros aspectos da experiência social, percebemos que há limites aos discursos ensaísticos de Jenkins, fundados na ideia de liberdade e cooperação. A realidade vivida mostrou-se mais complexa e revelou que os hábitos de uso criam, eles mesmos, diferentes relações de expectativa e recusa com alguns sentidos e laços. Como identificamos, os vínculos com pessoas comuns, de baixa renda, jovens, estudantes não são feitos de forma impassível nessas redes. Os sentidos que essas pessoas poderiam produzir a partir de um cotidiano ordinário, com corpos desvinculados em alguma medida do padrão estético mencionado são silenciados. Este processo de ausência não acontece por uma censura explícita dos usuários ou das plataformas, mas por meio de uma autorrestrição desenvolvida a partir da percepção de que as ações de resposta a diversas participações são, em geral, indiferentes ou retaliadoras.

De um ponto de vista epistemológico, comunicabilidades e incomunicabilidades fazem-se dialeticamente presentes como tensionalidades específicas nas redes sociais da internet, dentro de padrões móveis, alguns dos quais são descritíveis apenas empiricamente. É no interior dessas tensões que os atores se comunicam, pela fala expressa ou pelo silenciamento igualmente expressivo, revelando formas nem sempre fixas ou padronizadas de comportamento comunicacional. Assim, revela-se profundamente heurística a pesquisa das incomunicabilidades, assim tensionadas, para o estudo das mediações e das experiências sociais em curso nas sociedades midiáticas.

Referências

- BAITELLO JÚNIOR, N. (Org.). **Os meios de comunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.
- BOYD, D. **It's Complicated: the Social Lives of Networked Teens**. New Haven: Yale University Press, 2014.
- BRAGA, J. L. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. **ALCEU**, v. 10, n.20, p. 41-54, jan.-jun., 2010a.
- _____. Nem rara, nem ausente – tentativa. **Matrizes**, São Paulo, ano 4, n. 1, p. 65-81, jul.-dez. 2010b.
- _____. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. Â. (Org.). **Mediação & midiatização**. Salvador: Edufba, 2012. p. 31-52.
- BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. Conclusões: inferências transversais. In: BRAGA, J. L. et al. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 359-406.
- CAÑIZAL, E. P. O silêncio nos entremeios da cultura e da linguagem. In: BAITELLO JÚNIOR, N. (Org.). **Os meios de comunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005.
- DE BEAR, L. B. **Una retórica del silencio: funciones del lector y procedimientos de la lectura literaria**. Cidade do México: Siglo XXI Editores, 1984.
- FABRA, M. L.; DOMÈNECH, M. **Hablar y escuchar**. Barcelona: Paidós, 2001.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 2. ed. Tradução de Pedrinho A. Graneschi. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 64-89.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo, v.1: racionalidade da ação e racionalização social**. Tradução de Paulo Astor Soethe e Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- IASBECK, L. C. A. A incomunicação da loucura. In: BAITELLO JÚNIOR, N. (Org.). **Os meios de comunicação**. São Paulo: Annablume; CISC, 2005. p. 35-46.
- JACKS, N; SCHMITZ, D. Sujeitos juvenis e protagonismo social em Jesús Martín-Barbero. **Famecos**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio-ago. 2017.

JENKINS, H. **Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century**. Chicago, Illinois: The MacArthur Foundation, 2006.

_____. **Cultura da convergência**. Tradução por Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

LÉVINAS, E. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1974.

LOPES, M. I. V. A teoria barberiana da comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan.-abr., 2018.

LUHMANN, N. **Sistemas sociais: esboço de uma teoria geral**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MARCONDES FILHO, C. **O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2004a.

_____. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos? Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação**. São Paulo: Paulus, 2004b.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. Comunicação e mediações culturais. Entrevista concedida a Claudia Barcelos. Tradução de Silvia Rojo Santamaria. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – Intercom**, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan.-jun. 2000.

_____. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. Tradução de Fidelina González e Renata Pallotini. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. De la experiencia al relato: cartografías culturales y comunicativas de Latinoamérica. **Revista Anthropos**, n. 219, p. 21-42, 2008.

_____. Dos meios às mediações: 3 introduções. Tradução de Fernanda Castilho e Maria Immacolata Vassalo Lopes. **Matrizes**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 9-31, jan.-abr. 2018.

PRIMO, A. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da Teoria Ator-Rede. **Contemporânea**, v. 10, p. 618-641, 2012.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, p. 114-124, 2014.

SCHECHNER, R. **Performance Studies: an Introduction**. Nova York: Routledge, 2002.

SIGNATES, L. Epistemologia e comunicabilidade: as crises das ciências, ante a perspectiva da centralidade do conceito de comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 15, p. 133-148, 2012.

_____. Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação. **Líbero**, n. 36, p. 143-152, jul.-dez. 2015.

_____. A comunicação como ciência básica tardia: uma hipótese para o debate. **E-Compós**, v. 21, n. 2, maio-ago. 2018.

_____. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação da atualidade. In: BRAGA, J. L. et al. (Orgs.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2019. p. 19-29.

WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D. D. **Pragmática da comunicação humana**: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação. São Paulo: Cultrix, 2007.

WILLIAMS, R. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho do estudo

Ana Júlia de Freitas Carrijo e Lara Lima Satler

Aquisição, análise ou interpretação dos dados

Ana Júlia de Freitas Carrijo e Lara Lima Satler

Redação do manuscrito

Ana Júlia de Freitas Carrijo, Luiz Signates e Lara Lima Satler

Revisão crítica do conteúdo intelectual

Luiz Signates

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

Este artigo é resultado da dissertação de mestrado *Experiências comunicativas de adolescentes goianos na cultura digital: uma análise etnográfica dos usos sociais do YouTube e do Instagram*, de autoria de Ana Júlia de Freitas Carrijo.

Fontes de financiamento

Bolsa CAPES.

Considerações éticas

O projeto foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás, sob o protocolo 15231019.0.0000.5083.

Declaração de conflito de interesses

Não se aplica.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

Não se aplica.